

O NÚCLEO DE ARTE CONTEMPORANEA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA E A SUA HISTÓRIA: o arquivo como fonte de informação e memória

Danielle Alves de Oliveira
Manuela Eugênio Maia

RESUMO: A Arquivologia vem se consolidando no mundo contemporâneo pela necessidade político-científico-social de ordenar e dispor das informações arquivísticas. Nesta perspectiva, os centros de documentação vêm ganhando cada vez mais notoriedade para a sociedade. Todavia, é necessário que os profissionais da informação acompanhem estas mudanças e compreenda a função primordial do arquivo: dar acesso à informação. De tal modo, a presente pesquisa tem como objetivo analisar os documentos do arquivo do Núcleo de Arte Contemporânea da UFPB, sinalizando o seu surgimento no Estado da Paraíba em 1978, onde se busca caracterizar os arquivos como espaço de memória e fonte de informação, haja vista a necessidade de apresentar a sociedade à importância destes lugares para a construção da memória coletiva. Os resultados obtidos na pesquisa mostram que o Núcleo de Arte Contemporânea instalou-se na Paraíba de forma impetuosa. Porém é inegável a sua importância artístico-cultural para o Brasil, e, principalmente, para o estado paraibano. Para além das informações acerca do histórico, foi constatado a opulência do arquivo do NAC enquanto detentora de uma memória social e imensurável fonte de informação. Apesar dos arquivos ainda estarem em fase de identificação foi possível recontar uma parte da memória da sociedade paraibana que por muitos anos esteve abandonada.

PALAVRAS-CHAVE: Arquivo. Memória. Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba.

Danielle Alves de Oliveira
daniellealvs@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/4101773855592339>
Técnica em Arquivo na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Bacharela em Arquivologia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Licenciada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

Manuela Eugênio Maia
manuelamaia@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/6925135164773452>
Professora do curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Diretora da Biblioteca Central da UEPB. Mestrado em Educação, Bacharel em Biblioteconomia e Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Submetido em: 01/05/2013
Publicado em: 22/06/2013

1 INTRODUÇÃO

A Arquivologia vem se consolidando pela necessidade político-científico-social de ordenar e dispor das informações arquivísticas; inicialmente, no sentido administrativo, natureza primeira do arquivo; depois, ganhando vida pública nos arquivos permanentes, permitindo-se dialogar com diversas áreas do conhecimento no sentido de gerar saberes a partir da inscrição viabilizada pelos documentos. Percebemos, na nossa prática laboral, que a busca por informação nos centros de informação, especificamente, nos arquivos, vem sendo uma realidade cada vez mais atenuante, constatado pela expansão do curso no Brasil, que saltou de 4 (quatro), até 1990, para 17 (dezesete) em 2010. Notadamente, destacamos o período compreendido entre 2001 a 2012, em que 9 (nove) cursos foram criados, conforme comprova o quadro abaixo:

UNIVERSIDADE / CURSO DE ARQUIVOLOGIA	ANO DE CRIAÇÃO
Universidade de Brasília – UNB	1990
Universidade do Rio de Janeiro – UNIRIO	1973
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB	2006
Universidade Estadual de Londrina – UEL	1998
Universidade Estadual Paulista – UNESP/MARÍLIA	2003
Universidade Federal da Bahia	1998
Universidade Federal da Paraíba – UFPB	2008
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG	2008
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC	2010
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM	1977
Universidade Federal do Amazonas – UFAM	2008
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES	2000
Universidade Federal do Maranhão – UFMA	2010
Universidade Federal do Pará – UFPA	2012
Universidade Federal do Rio Grande – FURG	2008
Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS	1999
Universidade Federal Fluminense – UFF	1978

Fonte: MAIA; FERREIRA, 2013.

Todavia, apesar desse crescimento exponencial, destacamos o descaso das autoridades em fornecer meios para a instalação de centros de cultura aonde a memória arquivística seja contemplada de forma efetiva. Na Paraíba, a falta de incentivo aos arquivos é ainda mais evidente se observarmos o contexto atual dos arquivos permanentes do Estado.

Outro agravante é a falta de informação e de visibilidade das instituições memória do estado da Paraíba. Conforme assevera Pollack (1992, p. 212), “a memória é um elemento constituinte do sentido de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentido de continuidade e de coerência de uma pessoa”. Deste modo, o ser humano precisa reconhecer as instituições memória como elemento constituinte de sentido para a aceitação e construção da sua identidade enquanto agente e ser social.

Diante do exposto, o presente trabalho pretende apresentar o Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) da UFPB como um importante espaço de memória social coletiva do Brasil e, principalmente, para o Estado da Paraíba, haja vista a sua relevância histórica e artística. Neste ínterim, perpassaremos pela história e contexto da instalação do NAC, com o objetivo de apresentar a pertinência de sua conservação e manutenção.

Segundo Duarte (2006, p. 03), “o arquivo possui um universo rico de elementos que devem ser explorados para que se possa ter acesso às variadas possibilidades de acesso à informação”, logo, usaremos, prioritariamente, o acervo primário da instituição para rememorar a História deste espaço e justificá-la como essencial para a manutenção da memória coletiva. A opção pela pesquisa documental atende prontamente os objetivos propostos pelo estudo, sendo o resultado, subsidio para a construção identitária.

2 AMPLIANDO AS RELAÇÕES: informação, arquivo e memória

A sociedade contemporânea é marcada atualmente pelo expressivo e crescente papel social da informação, tendo como eixo uma nova e hegemônica concepção de desenvolvimento: a produção do conhecimento em um cenário de diversas interpretações por parte de seus sujeitos sociais. (BARROS; NEVES, 2009). Perpassando este contexto e elevando ainda mais a expressividade da informação na contemporaneidade, vale destacar o desenvolvimento das tecnologias, que aumentam cada vez mais a disseminação da informação fazendo com que a velocidade de propagação rompa com a barreira de lugar e tempo.

Apesar de evidente a importância da informação na atualidade, é essencial compreendermos este fenômeno de forma ampla, respeitando a sua complexidade e a sua inter-relação com outros conceitos, tais como a memória:

A informação é um conjunto de elementos selecionados pelos indivíduos, dentre uma imensa variedade de itens existentes no mundo exterior. Como um embrião, a informação forma e contém (informação). A repetição dessas impressões [conservadas], ao longo do tempo, encarrega-se de transformar itens selecionados de informações em marcas, traços que constituem o que, convencionalmente, chamamos de memória. A memória então conserva as informações que vão sendo retidas num processo de seleção. [...] Nesse sentido, as informações retidas, que passaram pelo filtro individual (que é também social) são organizadas e recriadas no presente, dentro de um processo dinâmico. (COSTA, 1997, p.124).

Diante da relação exequível entre informação e memória, deparamo-nos com outro elemento que carece ter suas congruências evidenciadas: os arquivos.

Conforme remonta a História, os arquivos surgiram da necessidade dos homens pré-históricos em transmitir a

memória aos seus sucessores. A priori, Fernandes (2006) afirma que a memória era transmitida palavra por palavra. Com o surgimento da escrita e o desenvolvimento da estrutura social, “essa nova memória sai da esfera biológica do ‘homem memória’, passando a formar instituição-memória, já que o suporte [da mesma] está materializado em uma estrutura perene demandando novas formas de organização e de uso”. (MARTINS, 2002 apud FERNANDES, 2006, p. 18).

Perante a gênese dos arquivos, podemos perceber claramente a sua relação indissociável com a memória. Para tanto, o desenvolvimento político-científico-social, presenciado no século XXI, apresenta uma nova postura entre estes entes, aonde, os arquivos não podem ser considerados unicamente, como lugares reservados a salvaguarda da memória, mas, sobretudo, devem ser encarados como espaços de referência na produção do conhecimento, que incita a efervescência da informação de maneira dinâmica e atualizada. (BARROS; NEVES, 2009).

Nesta conjuntura, reafirmamos que a ciência não é inerte, diariamente os seus paradigmas e teorias vão sendo discutidas e, posteriormente, modificadas a fim de torná-las coerentes com as práticas contemporâneas. Consubstanciando, Paes (2006, p. 53) assevera: “assim como a humanidade vem evoluindo técnicas, científicas e culturalmente através dos séculos, também os conceitos [...] sofrem modificações para atender aos desafios de um mundo em mudanças”.

Portanto, buscando acompanhar essas novas concepções e comungando com a Ciência da Informação, corroboramos com a aceção de Barros e Neves (2009, p. 58), ao delinearem como os arquivos devem ser conceituados na atualidade como:

[...] um sistema de informação social que se materializa em qualquer tipo de suporte, sendo caracterizado, principalmente, pela sua natureza orgânica e funcional associada à memória. Desse modo, a principal justificativa para a existência do arquivo é a sua capacidade de oferecer a cada cidadão um senso de identidade, de história, de cultura e de memória pessoal e coletiva.

Vale enfatizar, contudo, que a memória carece ser vislumbrada para além da compreensão de substrato científico, haja vista a sua condição inerente ao homem. A memória é fundamental para a manutenção da vida em sociedade, já que ela propicia a coesão social através da identidade. Aquiescendo desta perspectiva e trazendo novas interpretações, Montenegro (1994) afirma que atualmente a memória é compreendida pelo seu caráter livre, onde lembrar não é reviver, mas refazer, repensar, com idéias de hoje as experiências do passado, com o senso de preservação para garantir a sua disseminação às gerações vindouras, levando em consideração sua cultura e identidade.

Outrossim, percebemos que a memória se apresenta como uma questão fundamental na sociedade da informação, uma vez que deixa de ser compreendida de forma genérica para ser vivenciada como inerente a manutenção da coletividade, e para a identificação individual dos sujeitos. Neste contexto, destacamos os espaços representativos de informação que comumente são denominados de “lugar de memória”.

A expressão supracitada foi cunhada por criada por Pierre Nora, historiador Francês do século XX. Ele acreditava que os lugares de memória deveriam ser compreendidos a partir de uma tríplice acepção, no que tange: *lugares materiais*, *lugares funcionais* e *lugares simbólicos*. Para Nora (1993), os lugares de memória não são produtos espontâneos; são, portanto, uma construção histórica, onde o interesse em seu estudo advém do seu valor representativo nos processos sociais.

Os arquivos, na sua concepção de difundir a memória através dos seus registros informacionais, configuram-se como lugar de memória para os pesquisadores, a fim de realizarem suas pesquisas, e, por conseguinte, gerar conhecimento através da socialização da informação, bem como para o cidadão, no sentido *latu*, vez que proporciona estado de reconhecimento de sua identidade. Nesta perspectiva Barros e Neves (2009, p. 59), vislumbram o arquivo como lugar de “construção do saber”.

Ressaltamos, porém, que os centros informacionais, na atualidade, ampliam a sua posição unilateral de guardiões da memória a espera dos cientistas e de suas respectivas pesquisas. Estes espaços servem a toda sociedade, independente de interesses particulares. Consubstanciar a relação arquivo e sociedade é um dos grandes desafios para os profissionais da informação na atualidade.

Neste processo, buscar meios de elevar a visibilidade das instituições-memória é essencial para que a população se reconheça como partícipe da história coletiva registrada e conservada nos arquivos e tenha interesse em sua utilização ou até mesmo na sua manutenção. Disseminar e apresentar a sociedade o poder informacional de tal espaço é uma das formas de torná-lo cada vez mais tangível a sociedade, haja vista que quando não temos conhecimento sobre o valor de determinado lugar, ignoramos e deixamos de valorar a sua existência.

Assim, pesquisar acerca da história das instituições-memória e da disseminação da sua relevância social para a população é uma das alternativas de estabelecer o elo identificador entre o sujeito e a memória. Colaborando com a discussão, Fragoso (2008, p. 45) assegura que “memória e identidade são inseparáveis porque a memória constrói a identidade que se manifesta como existência da memória”. Portanto, se almejamos que os centros informacionais tornem-se espaços de

lazer e cultura, conforme discorre as ideias contemporâneas da Ciência da Informação, devemos contribuir para a construção identitária entre os indivíduos e os espaços de memória.

3 O NUCLEO DE ARTE CONTEMPORANEA E A SUA HISTÓRIA

O ímpeto para a criação do Núcleo de Arte Contemporânea da UFPB surgiu em decorrência a um contexto sócio-político advindo das necessidades de atender um discurso nacional-desenvolvimentista, inclusive nas universidades brasileiras, dentre elas a UFPB. Era necessário modernizar não só as estruturas físicas, mas, sobretudo, atualizar os conteúdos acadêmicos. (JORDÃO, 2009).

Atendendo a esta realidade, a proposta de criação de um núcleo de artes Plásticas (*a priori*) em João Pessoa, foi lançada em meados da década de 70, em um Seminário de Artes que aconteceu no Museu Assis Chateaubriand, na cidade de Capina Grande – PB. Logo, era necessário incitar alguns parceiros que assim como Iveraldo Lucena, Pró-reitor para assuntos comunitários da UFPB, acreditasse que tal projeto seria possível.

Foram convidados para idealizarem o projeto, Paulo Sérgio Duarte e Antônio Dias, dois grandes representantes da arte brasileira, que há anos deixaram a sua região em busca de melhores oportunidades para desenvolverem os seus trabalhos. Alguns meses depois, mais três nomes se juntaram aos já citados artistas, a fim de implementar a proposta definitivamente. Era essencial o apoio dos professores da UFPB, pois eles iriam fazer o NAC acontecer no dia a dia. Neste sentido, o “Jornal do Brasil” transcorre na edição de 21 de setembro de 1978: “logo se ligaram três outros paraibanos por

ali fixados o pintor e programador visual Raul Córdula Filho, o artista plástico Francisco Pereira Junior, e o sociólogo Silvino Espínola”, todos locados na Universidade Federal da Paraíba. (PONTUAL, 1978).

Para ilustrar a gênese do NAC, o Jornal “O Globo”, de 16 de abril de 1979, assevera:

[O NAC] nasceu da iniciativa do Pró-Reitor para assuntos comunitários da UFPB, professor Iveraldo Lucena ao convidar Antonio Dias e o Critico Paulo Sergio Duarte, paraibanos ambos, para elaborarem o projeto inicial. Isto em fevereiro do ano passado. Em setembro estava formado o grupo que iria implantá-lo e que inclui além de Dias e Duarte, outro artista plástico e também programador visual, Raul Córdula Filho, hoje coordenador do núcleo. O museólogo Francisco Pereira e o sociólogo Silvino Espínola. (MORAIS, 1979).

O objetivo do Núcleo foi dar possibilidades estéticas aos discentes da UFPB no que tange os estudos de arte. Entretanto, mais do que um laboratório para os alunos de Educação artística, o Núcleo visava ser um espaço interdisciplinar, cuja interação de várias ciências agregaria ainda mais valor nas produções artísticas locais. Para atingir este fim, o NAC deveria proporcionar constantes exposições abertas à comunidade local. Assim, ao mesmo tempo em que contribuía para a formação dos alunos da universidade, também colaborava no sentido de proporcionar uma reavaliação acerca da arte vista na cidade. (FALCÃO, 2007, p. 01).

Corroborando com a afirmativa acima, trazemos um trecho publicado no jornal “O Globo”, 16 de abril de 1979, onde o jornalista elenca os objetivos do NAC tendo como plano de fundo o documento de criação:

Segundo o documento de criação, o núcleo deverá atuar em cinco frentes principais: a) - produção de eventos e amostras que encontram dificuldades de se realizar, seja pela carência de meios locais, seja pelo caráter não comercial do evento; b) – desenvolver

palestras, cursos, seminários, levando a elaboração de projetos de pesquisa que envolvam outros departamentos, outros campos de conhecimento e a própria comunidade. Na medida em que servir como experiência a ser multiplicada em outros locais e instituições. (MORAIS, 1979).

Um Núcleo com tantas atividades carecia de um lugar amplo para exercer seus objetivos. Nessa direção, foi designado o edifício de número 275 da Rua das Trincheiras, com área total de 1.995 m². Neste ambiente, funcionou até 1977 a faculdade de Odontologia da UFPB. A casa foi construída por Eduardo Fernandes, comerciante da cidade de João Pessoa, entretanto, em 1909 ela foi comprada pelo governo, a fim de servir de residência aos presidentes do Estado – função que teve até a Administração de Antônio Pessoa. Após esse governo, a casa transformou-se em escola Normal; na sequência, foi diretoria de saúde pública até chegar a abrigar a faculdade de Odontologia, finalidade última antes da instalação do Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba. A casa foi tombada pelo IPHAEP em 26 de agosto de 1980.

Quanto à data de instalação e funcionamento do Núcleo de Arte Contemporânea da UFPB, aconteceu em setembro de 1978, conforme indicada na minuta de um parecer de 1980, que apresenta o regimento interno do NAC: “o Núcleo de Arte Contemporânea da UFPB foi criado através da portaria de n. 019/78, em 18 de setembro de 1978”. (UNIVERSIDADE..., 1980b). Entretanto, outras informações foram surgindo ao longo da pesquisa, elencadas abaixo.

Segundo o “Jornal do Brasil”, de 21 de setembro de 1978, na matéria intitulada “O núcleo cresce e amadurece”, Roberto Pontual (1978) afirma:

Há um mês e meio estive acompanhando em João Pessoa, a inauguração oficial do Núcleo de Arte Contemporânea, ligado à Pro - Reitoria para assuntos comunitários da Universidade Federal da Paraíba. Disse inauguração oficial porque na verdade, o NAC já

vinha de ativa existência [...] de setembro de 1978 e a abertura da mostra de Antonio Dias, a 19 de fevereiro ultimo, representava apenas, quanto ao tempo de vida do Núcleo, um ato mais solene à instalação da sua sede, na antiga biblioteca da Faculdade de Odontologia local.

No que se refere aos aspectos legais, o NAC só é criado definitivamente na UFPB em 08 de julho de 1980, através da resolução de n. 33/80 que dispõem:

Artº 1 – Fica criado o Núcleo de Arte Contemporânea (NAC), com a finalidade de estudar, promover e difundir as artes visuais contemporâneas na Universidade e na comunidade em geral, executar e/ou participar de programas interdisciplinares compatíveis com seus objetivos: manter uma infraestrutura de produção e documentação artística ligada ao ensino, à pesquisa e a extensão.

Artº 2 – O Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) tem sede no Campus de João Pessoa, e está vinculado à Pró-reitoria para assuntos comunitários. (UNIVERSIDADE..., 1980a; 1980b).

Percebemos que há várias informações conflitantes acerca da instalação do Núcleo, porém não foi possível adentrar neste ponto de forma enfática, pois a documentação do NAC ainda está em processo de identificação e organização, e, além disso, há muitos documentos danificados pelos agentes físicos e humanos.

Diante do exposto, é possível afirmar ainda, que havia uma pressa acentuada para que o Núcleo iniciasse as atividades. Como explicar uma articulação tão grandiosa e ousada em apenas sete meses? Talvez, o Núcleo já tenha sido pensado a mais tempo do que fora registrado, mas, faltou o incentivo e a articulação que somente artistas conceituados como Paulo Sérgio Duarte e Antônio Dias foram capazes de conseguir.

A manutenção do NAC ficou a cargo da Fundação Nacional de Arte (FUNARTE), responsável em financiar as atividades, visto que o orçamento era superior ao que a Universidade dispunha. Tornando o projeto ainda mais dispendioso, havia mais um

agravante: não existia na Paraíba professores capacitados a ministrar as atividades que o Núcleo se propunha. Assim, era necessário trazer mestres de outras cidades:

No Departamento de Artes da UFPB não havia professores que trabalhassem nessa área. Foi aí talvez o grande trunfo do NAC e ao mesmo tempo o que fez entrar em decadência. Os diretores tiveram que fazer valer de suas influências no meio artístico para assim trazer exposições de grandes nomes da arte contemporânea mundial e brasileira. Neste período ele daria aulas na Universidade, estaria à disposição dos alunos para estudos da sua obra e montaria o seu projeto de exposição. (FALCAO, 2007, p. 02).

Certamente, um projeto tão ambicioso despertou a curiosidade de diversas personalidades da arte nacional. Logo, estiveram presentes na inauguração oficial os artistas Mário Pedrosa, Carmem Portinho (ex-diretora do MAM-RIO), Alberto Buettenmuller, Ziraldo e Roberto Pontual, este último responsável por diversas reportagens veiculadas no Jornal do Brasil e freqüentador assíduo do NAC.

Para coordenar o Núcleo nos primeiros anos foi designado Raul Córdula Filho e Silvino Pedrosa Espínola, porém a liberação formal partindo da Universidade Federal da Paraíba só acontece em 18 de abril de 1979 através das portarias de n. 19/79 (liberando Raúl Cordula Filho) e a de n. 21/78 (liberando Silvino Espínola) para exercerem tais funções. No entanto, novamente nos deparamos com informações colidentes, haja vista que em entrevista o funcionário João Arruda Valente diz que a vice-coordenação ficou a cargo de Francisco Pereira: “em 78, quando foi criado [o NAC], assumiu Raul Córdula e Chico Pereira vice; em 82 Raul passa a ser vice e Chico a coordenador”. (VALENTE, 2010).

Buscando findar a dúvida, fomos até o relatório das atividades que abrange de setembro de 1978 a fevereiro de 1980. Neste, temos a seguinte informação: “[...] está aí o NAC sob a

coordenação de Raul Córdula Filho, auxiliado por Silvino Espínola e o experiente apoio de Francisco Pereira Júnior”. (ALMANAC..., 1980).

Além disso, Jordão (2009) cita com veemência que, em 1979, Chico Pereira foi um dos coordenadores do NAC. Podemos inferir, portanto, que não houve claramente uma designação de vice-coordenação entre eles. Sendo o Núcleo coordenado conjuntamente pelos três professores que ajudaram a programar tal projeto.

Para ilustrar esta coordenação conjunta e, por conseguinte a ausência dos idealizadores Antônio Dias e Paulo Sérgio Duarte, segue o relato trazido pelo jornal “O Norte” em 26 de setembro de 1979:

o Núcleo de Arte Contemporânea da UFPB é desde o começo do ano, um dos quase únicos focos de ativação fora do eixo Rio – São Paulo, Já sem contar tão diretamente com a presença de Antonio Dias e Paulo Sergio Duarte, que acionaram a sua criação e o mantiveram aceso na etapa de implantação, o NAC vai agora em frente pelo trabalho dos paraibanos que permaneceram na terra, em particular Raul Córdula Filho, Francisco Pereira Junior e Silvino Espínola.(CRÍTICO..., 1979).

Apesar das dificuldades em compreender a gênese do Núcleo de Arte Contemporânea, é inegável a importância que o presente espaço representou no cenário nacional e principalmente no Estado da Paraíba. Conforme documentos encontrados no arquivo do NAC, é possível compreendermos o funcionamento e a magnitude da proposta da inserção deste espaço onde se encontrava a “sonolência”. Mais do que um lugar para formação dos universitários, o Núcleo foi intensamente aproveitado pela comunidade em geral, que até então não tinha nenhum contato com a arte e com a cultura erudita.

Através do ofício de n. 22/79 enviado em 30 de abril de 1979 ao jornalista Evandro Nóbrega do Jornal “O Norte”, solicitando apoio na divulgação dos eventos, podemos perceber o tamanho da intervenção social do Núcleo:

A comunicação da arte contemporânea ao público é a atividade-fim de nossa missão junto à Universidade Federal da Paraíba. [...] Em anexo está o calendário de exposições para maio e junho de 1979. Cada exposição é apoiada por um programa de visitas colegiadas (1º e 3º graus e universitários) e grupos formados na comunidade, onde são proferidas palestras e demonstrações técnicas sobre o material exposto. Temos atendido a uma média de 1000 (mil) pessoas, por exposição, até agora. Esta é a melhor maneira de formar uma clientela visando a criar um centro artístico de alto nível em nossa cidade. Sem o apoio da imprensa será praticamente impossível atingir nossa meta. (UNIVERSIDADE..., 1979a).

Para além das exposições, em entrevista com o servidor João Arruda Valente, o mesmo assegurou que o NAC ofertou vários cursos à população, a exemplo das aulas de serigrafia, pintura e litogravura. A técnica de litogravura consiste em “gravar com material gorduroso a superfície de uma pedra calcária especial, vinda da Alemanha”. (PARAÍBA, 1992). Atualmente, está sendo organizado pelas alunas de Arquivologia, vinculadas ao projeto de extensão, um grande acervo arquivístico das produções realizadas durante os cursos oferecidos pelo NAC.

“Assim, o Núcleo deslocou o eixo de ativação de novas atitudes e linguagens artísticas até uma região extremamente conservadora, sendo responsável pela formação de uma geração de artistas na cidade”, que podemos ver atualmente no cenário nacional. (JORDÃO, 2009, p. 1829).

O NAC vivenciou momentos de intensas realizações, porém, a partir de 1985, esse projeto entra em decadência. Com o rompimento do convênio firmado com a FUNARTE, não havia recursos financeiros para manter-se, já que os gastos eram enormes devido à contratação de professores temporários e a

grande quantidade de materiais e cursos. Contextualizando a data ao cenário nacional, devemos lembrar que em 1985 o Brasil encontrava-se em uma situação complicada financeiramente. Era o período de redemocratização, ou seja, a intervenção dos militares estava chegando ao fim, logo, os projetos do governo foram sendo deixados em segundo plano.

Porém, desde 1983, vários jornalistas e artistas já alertavam acerca da fragilidade da cultura no país, pois esta, não é tida como essencial a população. Se há dinheiro, o investimento é feito, todavia, quando falta, a área da cultura é a primeira a sofrer as conseqüências, visto que a mesma seria um luxo e não uma necessidade, ao menos é o que aparenta por meio das ações governamentais. Neste sentido, o “Jornal Correio Brasiliense” trouxe, em 20 de outubro de 1983, a reportagem intitulada “A cultura diante da crise e da falta de verba”:

Haveria condições de se desenvolver um projeto de cultura, neste momento em que o país está atravessando uma violenta crise econômica e social? Como mudar uma tradição segundo a qual os assuntos culturais, no Brasil, sempre ficam relegados a segundo plano? Estas indagações foram lançadas pela artista plástica Gaúcha Zorávia Bettiol, debatedora do tema ‘Região e regionalismo’. (SIMPÓSIO..., 1983).

Para complicar ainda mais a situação do NAC, durante meados da década de 80, a estrutura física começa a ruir. O prédio onde o Núcleo se instalou já vinha de intensas atividades e com poucos serviços de manutenção. Diante do exposto, a coordenação do NAC, tentou por diversas vezes o apoio da UFPB para custear os reparos. Todavia, não encontramos sinais de ajuda vinda da Universidade, é tanto que segundo Falcão (2007, p. 02) após os incidentes e a falta de apoio financeiro “o prédio passou dois anos sem funcionar”.

Após a sua reabertura, não havia mais interesse dos professores e nem dos artistas em retomar as atividades. O Núcleo foi pouco a pouco sendo esquecido; os fundadores e idealizadores não

estavam mais na UFPB, logo, faltavam pessoas que tivessem o espírito empreendedor e ousado para manter viva a proposta inicial.

Sem dúvida, pagamos as consequências de trazer o NAC sem qualquer garantia de manutenção futura, pois a proposta foi inegavelmente ousada para uma região sem qualquer estrutura e tradição artística.

Conforme cita Jordão (2009, p. 1828),

A criação do Núcleo representou a consolidação de uma proposta pioneira que unia a pesquisa, a formação e a produção em arte contemporânea de uma forma integrada e dialógica. Nesse sentido, o Núcleo foi desde o princípio um espaço comprometido com a produção e exibição de arte contemporânea, bem como a inserção de novas mídias nas artes plásticas.

Recentemente, o NAC vem tentando se reerguer. Para isso, a coordenação vem investindo em novas exposições, cursos e, principalmente, aposta na divulgação da história do “gigante adormecido”. Neste sentido, a organização parcial dos arquivos, realizada entre 2009 e 2010, e a posterior abertura à comunidade; é um dos passos planejados para que a presente instituição possa ser reconhecida pelo seu inestimável valor histórico e cultural.

Apesar dos anos em abandono e da destruição dos documentos, promovido pelo descaso, é possível encontrar no NAC diversos registros sobre a História da Paraíba; em especial, destaque para o período da ditadura militar e da formação do Estado após a revolução de 30 (este último em relatos, já que o Núcleo só começa a formar o seu acervo em 1978).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, afirmamos que o Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) da UFPB foi um projeto de suma importância para o Estado da Paraíba, apesar de sua atuação eufórica ter sido momentânea. O espaço, apesar do abandono que é submetido, serve, atualmente, para projetos de extensão do curso de Artes, entretanto, nunca mais recuperou o status de prestígio do passado.

O declínio já era esperado por muitos estudiosos e comunicadores da época, devido à falta de planejamento futuro e pelas condições da arte na Paraíba. A Universidade nunca dispôs de recursos suficientes para arcar com as despesas geradas, sendo a FUNARTE a principal financiadora. Com o rompimento do convênio e a ausência dos idealizadores que usaram da sua influência no meio artístico para angariar parcerias, o NAC estaria fadado ao abandono.

Todavia, apesar dos anos que se manteve esquecido, o NAC nunca perdeu a sua importância histórica, sendo percebida fielmente na presente pesquisa. O seu acervo, mesmo com as devidas limitações em função da dispersão que sofreu ao longo dos anos, é sem dúvida um patrimônio inestimável da sociedade paraibana. Nesta perspectiva, reafirmamos à sociedade: o arquivo do NAC é relevante para a compreensão da nossa história, tendo em vista a significação do seu espaço (físico), como documental, detendo um conjunto de fontes de informação que fornecem um cabedal de estudos e reconhecimento social nas áreas das artes, história, sociologia, pedagogia etc.

“A memória é um patrimônio cultural da sociedade, e é a memória que alimenta a história da nação”, logo, é fundamental respeitar o espaço dos arquivos dentro da sociedade e fornecer

meios para que as informações sejam disseminadas e por conseguinte, faça sentido para os usuários. (FRAGOSO, 2008, p. 21).

Tendo ciência da importância deste arquivo para a memória coletiva da sociedade paraibana, o projeto de extensão “A Gestão da Informação arquivística aplicada à memória histórica no Núcleo de Arte Contemporânea da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)” desenvolveu entre 2009 e 2010 um trabalho com o objetivo de preservar a cultura regional paraibana por meio dos processos técnicos arquivísticos aos documentos vinculados às instituições, espaços de memória social. O projeto não continuou por falta de incentivo financeiro, pois os recursos eram oriundos das idealizadoras da proposta.

Destarte, analisar os documentos do arquivo do NAC, sinalizando o seu surgimento vai além da necessidade de rememorar esta história, atende a preocupação social da Arquivologia em dispor das informações arquivísticas a seus usuários, mostrando que esta ciência tem aplicabilidade prática, e, portanto, é fundamental para a sociedade. Os arquivos devem servir para gerar conhecimento, não para ficarem trancados em depósitos abandonados. Assim, o projeto supracitado e a presente pesquisa, contribuíram para despertar uma consciência coletiva no que tange a importância dos arquivos como espaço de memória e fonte de informação.

Por meio desta pesquisa, é notório afirmar a necessidade de cuidar e de preservar o complexo no qual o NAC está envolvido para a manutenção da história do povo paraibano. Preservar significa acumular subsídios para produções científicas nas ciências sociais e humanas, para o entendimento dessas sociedades, no tempo e no espaço, considerando que essa preservação se dá na medida em que as informações referentes

á memória estão, conservadas, tratadas e disponibilizadas. (FRAGOSO, 2008).

Reafirmamos a relevância desse estudo perpassou a discussão acerca da memória e do reavivamento desse gigante que se encontra adormecido.

THE CORE OF CONTEMPORARY ART OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF PARAÍBA AND ITS HISTORY: file as a source of information and memory

ABSTRACT: The Archival has been consolidated by the need in the contemporary world political and social-scientific sort and dispose of archival information. From this perspective, documentation centers have been gaining increasing importance for society. However, it is necessary for information workers to monitor these changes and understand the primary function of the file: give access to information. So, this research aims to examine the documents in the file of the Center for Contemporary Art UFPB, signaling its emergence in the state of Paraíba in 1978, which attempts to characterize the files as memory space and information source, there the need of present society the importance of these places for the construction of collective memory. The results obtained from the survey show that the Center for Contemporary Art was installed in Paraíba in impetuous. But its importance is undeniable artistic and cultural to Brazil, and especially for the state of Paraíba. Aside from information about the history, it was found the opulence of file NAC while holding a social memory and immeasurable source of information. Although the files are still in the process of identification was possible to recount some memory paraibana society that has been abandoned for many years. Soon, I reaffirm the importance of this documentation center for potential users.

KEYWORDS: File. Memory. Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba.

REFÊNCIAS

ALMANAC - resumo das atividades do NAC, setembro de 1978 a fevereiro de 1980. João Pessoa: FUNARTE: UFPB, 1980.

BARROS, Dirkene Santos; NEVES, Dulce Amélia de Brito. Arquivo e memória: uma relação indissociável. **Revista TransInformação**, Campinas, v. 21, n. 1 p. 55-61, 2009.

COSTA, Icleia Thiesen Magalhaes. **Memória institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica**, 1997. 161 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação)– Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

CRÍTICO do sul fala do Núcleo da Paraíba. **O Norte**, João Pessoa, 26 set. 1979.

DUARTE, Zeni. Arquivo e arquivista: conceituação e perfil profissional. **Revista da Faculdade de Letras**, Porto, v. 1, n. 5, p. 141-151, 2006. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6624.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2009.

FALCÃO, Sarah. **Um gigante adormecido**. 2007. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/um-gigante-adormecido>>. Acesso em: 18 abr. 2010.

FERNANDES, Maria do Socorro Cavalcante. **Artefatos arquivísticos como elemento de memória no arquivo Afonso Pereira**. 2006. 58 f. Trabalho de Conclusão Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)– Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

FRAGOSO, Ilza da Silva. **Instituição Memória: modelos institucionais de proteção ao patrimônio Cultural e preservação da memória na cidade de João Pessoa-PB**. 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)– Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

JORDÃO, Fabrícia Cabral de Lira. Apontamentos sobre a Arte Conceitual no Nordeste: Paulo Bruscky e NAC/UFPB. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 18., 2009, Salvador. **Anais...** Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009. p. 1822-1832.

MAIA, Manuela Eugênio; FERREIRA, Danilo de Sousa. **Histórico** [dos cursos de Arquivologia no Brasil], 2013. Disponível em: <http://arquivologiauepb.com.br/?page_id=8>. Acesso em: 01 maio 2013.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória**. São Paulo: Contexto, 1994. (Coleção Caminhos da História).

MORAIS, Frederico. Antonio Dias: Não acho mais graça no público das próprias graças. **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 abr. 1979.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, p. 07-28, dez. 1993.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática**. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

PARAÍBA. NAC. **NAC expõe acervo**. João Pessoa: UFPB, 1992. Convite.

PONTUAL, Roberto. O Núcleo cresce e amadurece. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 21 set. 1978, Caderno 8.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

SIMPÓSIO de artes plásticas: a cultura diante da crise e da falta de verba. **Correio Brasiliense**, Brasília, 20 out. 1983.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. CONSEPE. **Resolução n. 33**, de 08 jul. 1980. João Pessoa: UFPB, 1980a.

_____. PRAC. CONSEPE. **Minuta de regimento interno do NAC**, de 14 jul. 1980. João Pessoa: UFPB, 1980. Dossiê contendo documentos cuja data-limite é fev. 1979 – jul. 1980b.

VALENTE, João. **NAC e sua história: depoimento** [jan. 2010]. Entrevistador: Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira. João Pessoa: UEPB, 2010. 2 DVD sonoros. Entrevista cedida ao projeto "A gestão da informação arquivística aplicada à memória histórica no Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)".